

O PIBID DE HISTÓRIA COMO MEIO DE PREPARO DOS DOCENTES E INCENTIVO AO ESTUDO DE HISTÓRIA NA ESCOLA.

Olivia Maria Paulino Belmino de Souza¹

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E-mail : oliviasouzarmg@gmail.com

Auricélia Lopes Pereira²

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E-mail : auricelialpereira@yahoo.com.br

RESUMO :

A motivação para produção deste artigo decorre das experiências no PIBID de História da UEPB, que estão sendo realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena, localizada em Campina Grande, com turmas de ensino médio. O programa se firma como um incentivo ao aluno universitário, dando meios e recursos para que sejam colocados em prática seu exercício de aprendizagem, e o fazendo, conciliar e reformular a fundamentação teórica que teve na academia com a instituição escolar. A experiência com o PIBID é inovadora e proveitosa, pois abre espaço para estudantes de licenciatura, que ainda estão estudando para sua formação como professor, terem a oportunidade de adentrar em uma sala de aula, com liberdade para produção de recursos e experiências com os alunos. Contudo, vale salientar que o programa ajuda a inovar o ensino de história no ambiente escolar, tendo em vista que tal inovação é necessária, já que, é uma disciplina não muito atraente para os discentes. Sendo assim, é função dos pibidianos, junto com os supervisores, reunir métodos que repensem as formas de ensino na sala de aula.

PALAVRAS CHAVES: PIBID. INCENTIVO. EXPERIÊNCIA.

INTRODUÇÃO:

É inevitável não considerar antes de tudo a educação que a escola oferece aos alunos, o tipo de regras que ela impõe. Isto porque as regras escolares se aplicam como formas de conduta a serem seguidas pelo professor e em consequência aos estudantes. É claro que em tempo de uma sociedade pós-ediapiana a própria disciplinarização da escola é posta em suspensão. De toda forma, o docente conduz a didática de acordo com as regras da instituição, por exemplo, a utilização do livro didático e do término dele ao fim do ano é uma norma muito comum imposta aos mestres. Mediante o exposto, há uma preocupação tão grande em seguir o conteúdo do livro didático escolhido pela escola, que em certos casos o conteúdo é tratado rapidamente. Isso se firma como um meio gerador de dificuldades para a compreensão do alunado. Por conseguinte, os obstáculos presentes ainda na aprendizagem são causados em outro momento, pela pressão que os alunos de ensino médio passam para adentrar no ensino superior, O IDEB e, na Paraíba, o IDEPb, também instauram espaços de pressão. Mesmo tomando como base as mudanças que o instituto vem tendo, comparado à um passado próximo, observa-se que ainda há uma educação reprodutora, que repassa o conhecimento como uma verdade a não ser questionada. Na contramão desse olhar, Mário Sérgio Cortella afirma: - “Se a educação não for provocativa, não se constrói, não se cria, não se inventa, só se repete”. (2010)

Outra questão é que, em alguns casos, a escola é um subsídio para fugir da realidade, ao entrar na sala de aula e lidar com os alunos, muitas vezes o professor não sabe as questões que o aluno enfrenta: os problemas familiares, psicológicos, traumas e dificuldade de concentração. Em decorrência disso, é de suma importância fazer com que os discentes abordem a sua história, a partir da própria cultura. Nesse sentido, o despertar de interesse e entendimento ao aproximá-los da sua realidade é provável que seja maior, e com tudo, conduzi-los a construir relações de pertencimento com um grupo histórico ou com as lutas coletivas. Em outras palavras, o professor precisa ser mediário da teoria e da metodologia, assim como citou Paulo Freire em seu livro Pedagogia da Autonomia

(1996, p.21) -” ensinar não consiste puramente em transmitir conhecimento”. Afinal, ser historiador é mostrar que estudar história é uma ação presente, que serve para compreender a si mesmo e a sua sociedade através do passado.

Nessa perspectiva, é importante incentivar tanto o aprendiz do ser professor, quanto os alunos, pois será a partir deles que haverá a continuidade de profissionais docentes, é preciso pensar o que está sendo posto pela sociedade, os valores em questão, e observar a importância do seu papel enquanto historiador, que é de extrema influência indo além da formação de indivíduos - uma construção de seres pensantes, questionadores, capazes de avaliar seu lugar no mundo. Sendo assim, ao educar é necessário, sobretudo entender e lidar com as dificuldades de cada um, para que estas não sejam prejudiciais no desenvolvimento da pessoa, do profissional e do cidadão.

METODOLOGIA:

Sob o mesmo ponto de vista, o estudante de história partindo dos pressupostos anteriores, tem como função no PIBID criar condições de inovação no ensino, conciliando uma metodologia didática com a teoria dada pelo professor supervisor, que devem ser visadas como atividades que estimulem a participação de todos, e sejam interessantes e viáveis ao assunto, variam de jogos, textos introdutórios (como uma forma de não ter apenas o livro como base), poemas, músicas, vídeos, slides, etc. Todos os recursos são preparados pelos pibidianos, se consolidando como uma forma de aprendizado também no preparo de uma aula. Na sala de história é interessante o uso de recursos tecnológicos, tanto por ser um meio de interligar o ensino básico, como também é viável utilizar-se do leque de opções que podem abrir, mas principalmente por ser uma disciplina tão rica em fontes que tem a alternativa de serem transmitidas tecnologicamente, possibilitando assim, o enriquecimento da aula e tirando os alunos da monotonia, mas, por outro lado, há limitações para a inserção de tais recursos , primordialmente, as circunstâncias limitantes do tempo.

Partindo desse princípio, o graduando que passou anos da sua vida na escola, agora tem a chance de entrar na instituição de outra forma e com outra visão, trazendo consigo suas experiências vividas até então. Sob o mesmo ponto de vista, percebe-se certa diferenciação do ensino da escola com relação ao universitário. Essa questão vem sendo quebrada com o Programa de iniciação dos docentes, que torna possível colocar no mesmo ambiente dois tipos de alunos ainda em formação de duas diferentes instituições, que agora irão coincidir o conhecimento teórico com o prático. Lançando visão para a vivência em sala com os adolescentes, têm-se dificuldades primordiais que devem ser revistas antes da inserção de inovações no ensino, já diz Martins: - “ As tentativas de mudança, as inovações, as formas de lecionar história, esbarram na grande deficiência de leitura e escrita dos alunos “. (2012:772). É notório que há grande carência na questão da interpretação de texto, prostração à leitura, timidez e constrangimento de se expressar na frente dos colegas. Essa última, conseqüentemente, resulta em aceitação e silêncio diante das temáticas explicadas, não sendo problematizadas e discutidas. É raro que alguém se preste a tirar uma dúvida, é sabido também que há um certo receio de se expressar ou discutir algo em sala com medo de ser mal interpretado.

A aversão de errar e ser julgado conduz a guarda dos questionamentos para si; vale ressaltar que, o constrangimento de comunicação na sala se dá como atual na classe, em um segundo momento, pelo fechamento do professor para com o aluno, é possível dizer que nem todos estão abertos às dúvidas. Mas também, pode ser localizado por um terceiro elemento: a apatia que conduz muitos adolescentes e jovens diante do saber, do aprender e do viver a escola como lugar de dignidade e de honradez. Com efeito, a iniciação a docência é, sobretudo uma experiência que levará o pibidiano a obter uma carga de amadurecimento na sua área, como também tem a oportunidade de despertar a vontade dos discentes de conhecer a história por outro ponto de vista. Isso implica, de certa forma, um combate a esse três lugares postos anteriormente.

Em consonância, é impreterível experiência para poder enfrentar os obstáculos que a educação como um todo apresenta , a reunião de graduandos em formação com um

professor atuante se vale como um mecanismo interessante, capaz de quebrar tais barreiras, oferecendo subsídios que somando com a experiência do aluno pibidiano que tem a oportunidade de ter o pensamento de aprendiz enquanto estudante acadêmico tem até então a verossimilhança de se colocar no lugar de lecionando e observar práticas viáveis para as dificuldades vigentes. Tais possibilidades denotam um sentimento de igualdade mediante os aspectos em desenvoltura, o aprendiz pibidiano ao se ver, sobretudo, como aluno observa que a aversão de falar na frente de todos é presente no cotidiano acadêmico que vivencia, além de se dá por motivos semelhantes aos que é presenciado na educação básica.

RESULTADOS:

Outrossim, vê-se que para os resultados, tudo depende de uma base teórica, de pensar os problemas antes de tentar solucioná-los e analisar os contextos empregados. Os métodos utilizados pelo PIBID estão cada vez mais, possibilitando aos discentes diálogos com a autonomia e a reflexão. Na maioria das vezes, observa-se na sala de aula, uma separação por grupos, indivíduos se juntam com outros com os quais têm mais afinidade ou ciclo de amizade parecido. Ao realizar as atividades metodológicas geralmente se é feita separação da turma em equipes para que o tempo seja aliado na aplicação de todas as atividades preparadas. A formação de novos grupos permite um maior encontro entre os alunos, que agora terão a chance de trabalhar com outros colegas com os quais ainda não haviam tido experiências. Com isso, se ocorre uma aproximação da turma e uma união, haverá probabilidade de um desempenho melhor, e uma possível quebra de linhas de vergonha e maior participação na sala. Logo, se existe maior aproximação entre todos, a tendência é que haja menos receio de participação. O PIBID vem incluindo alunos e quebrando as diferenças, é notório como os lecionando estão amadurecendo, de maneira que, a participação na sala de aula é ativa, as dúvidas, curiosidades e opiniões sobre determinada atividade aplicada é frequente, e a exclusão entre os alunos vem se firmando como exceção.

Outro ponto: O respeito ao professor aumenta, o interesse na matéria é se amplia, e percebe-se vontade e aptidão de aprender realmente o assunto para poder competir e responder aos jogos propostos. Tudo isso faz com que os estudantes se interessarem em aprender, tendo em vista as novas formas de ensinamento que são interligadas ao estudo. O livro continua fazendo parte do cotidiano escolar sim, mas agora passa a dividir espaço também com os textos produzidos pelos pibidianos, que tratam o conteúdo amplamente e de modo mais breve que o do livro, as aulas que antes eram através do quadro passam também a serem explicadas por meio dos slides e de vídeos produzidos pela equipe, que aliam a didática da fala, às imagens, instaurando um novo recurso visual, desviando a rotina do quadro. A avaliação da aprendizagem que era feita apenas por meio de provas, transfere-se também para uma avaliação também por meio dos jogos, que abre espaço para erros e dúvidas e que não carregam consigo o peso da pressão da nota de uma prova, para se obter resultados. Obviamente, é sabido que não é necessário a retirada dos recursos clássicos, que por tradições foram associados à escola, mas uma mediação com outros que sejam agregados e apresentem uma mesma finalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A escola que temos atualmente mudou bastante. Diálogos formais ou efetivos com a tecnologia, espaços de diálogos entre alunos e professores mais firmes, livros didáticos mais críticos, menos reprodutores e alguns com pesquisas muito interessantes. Mas há também lugares que precisam ser enfrentados: inércia, por parte dos alunos, apatia diante do conhecimento, violência e desrespeito para com os docentes. De toda forma, mudanças vêm sendo instauradas em consonância com uma nova geração de professores, com as atualizações que os docentes em atuação vêm tendo e com os programas que a escola está dialogando, como por exemplo, estágios universitários e o programa de formação à docência. A intervenção que a instituição escola está passando é bastante influente, tendo em vista, que há maior abertura para a conduta didática do professor.

Nesse meio tempo, assim também, o instituto está tendendo a acompanhar tais influências e inovações, apoiando por fim, os novos meios e recursos e se atualizando de acordo com as novas gerações e os novos tempos. Na atualidade, pode-se afirmar que mesmo a instituição escolar sendo influenciada pelo capitalismo, muitas questões estão mudando, a escola continua tendenciando o papel e a função que sempre lhe foi designada que é a formação de indivíduos para a vida em sociedade. O adequamento, entretanto, ao intuito de “formar jovens aptos a lidar com as novas exigências deste século é uma meta que só será alcançada com uma transformação sistêmica da educação com intervenções no ambiente escolar e no currículo.” (ROTH, 2011)

Em suma, outra ação que vem mudando o ensino é o investimento em capacitações que partem dos próprios professores, que tendem a buscar aprimoramentos nas suas formações e aperfeiçoamento das suas fundamentações e cargas teóricas, se disponibilizando para participação em workshops, congressos, debates e eventos que tragam o debate com temas nas suas áreas. Partindo dessas ações, temos atualmente, uma mudança de visão para conduta na sala de aula e uma nova geração de professores capacitados, especializados e atualizados com disposição para rever suas práticas e suas didáticas. Segundo OROZCO (2002) - “ Só o tecnicismo não garante uma melhor educação”. Diante disso, fica evidente que uma educação melhor se dá por um conjunto, ou seja todos devem contribuir, o professor deve estar disposto a cumprir seu papel e exercer sua função da melhor forma, nesse sentido, os alunos devem cumprir sua parte desempenhando primordialmente sua função de estudante.

REFERÊNCIAS:

BASTOS, João Augusto de S.L. Educação e tecnologia. In: **Educação & tecnologia. Revista técnico-científica dos programas de pós-graduação em Tecnologia dos CEFETs PR/MG/RJ.** Curitiba: CEFETS – PR, ano I, n. 1, abril 1997.

BEZERRA, Esvertilana Bonfim; LOPES, Maria Aparecida Toledo de Melo. **A Importância do professor na sociedade atual: desafios e perspectivas.** Imperatriz, 2002.

BRITO, G.S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação, professor e novas tecnologias: em busca de uma conexão real**. Curitiba: Prottexto, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

POULANTZAS, N. — *A Escola em Questão* In. **As instituições e os Discursos - Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, (35): 126-137, out/dez. 1973.

CORTELLA, Mário. Paradigmas da tecnologia na educação. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=VJbouCuoJKk>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

ROTH, Martina. **Educação e tecnologia**. Disponível em : <<https://novaescola.org.br/conteudo/904/martina-roth-fala-sobre-educacao-e-tecnologia>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

SILVA, Marcos A. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VALENTE, J.A. (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED/Unicamp, 1999.

